

Pedro Sena-Lino

despaís

*Com pátrias nos compram e nos vendem, à falta de pátrias que
se vendam suficientemente caras para haver vergonha de não
pertencer a elas.
(Jorge de Sena)*

*Tempo de compras e vendas.
Tempo de vendas e compras.
Ai perfil, tempo de lendas
Ai Tempo, perfil de sombras.*

*As vendas dão suas rendas.
As rendas dão suas compras.
E o que se compra com lendas
Vende-se em somas redondas.
(Natércia Freire)*

0

*Em Lixboa sobre loo mar
Barcas novas mandei lavrar.
(Joam Zorro)*

[barqueiro]

O mar como terra. As ondas, montanhas. O céu o Sol. As falésias de Sagres, estranhamente habitadas por uma dupla *secura*.

A areia e a beira-mar são agora uma massa informe de madeiras e plásticos, jangadas de matéria morta, subitamente ressuscitada como uma espécie de salvação. Esses instrumentos de um presente confiscado, símbolos dolorosos de um passado gloriosamente burguês, ouropel *europeu*; e esses homens, e mulheres, e crianças, e velhos, todos restos feitos pessoas e não o (seu) contrário, agora convertidos em naus, em marinheiros, em duplos quinhentistas passados de futuro, ultra-passados de futuro.

Levantava o mar as barcaças e as gentes. Subia-as, como faz às montanhas de areia e lixo, e testando-as para a sua nova natureza de água. As naus, *Crísias*, como lhes chamavam.

Uma criança subia para a primeira *Crísia*. Correu pelos trezentos metros de extensão. A multidão ouviu os seus passos gargalhadas. Os reflexos do Sol no mar e os *flashes* dos fotógrafos quebravam de luz os olhos destes primeiros

marinheiros. Um homem avançou, então; ridícula agora a gabardina a molhar-se na água salgada do Algarve; outro, alto, sueco, acompanha-o, de máquina em punho. Sorri, pensando nos seus antepassados *vikings* noutros muitos mares. Acompanha o microfone do homem de gabardina, que se aproxima da primeira criança e lhe pergunta o nome. A criança, um rapaz de comprido cabelo preto e sardas desmesuradas, responde mais alto que as ondas e o bater do mar nos improvisados barcos:

– Afonso.

O repórter volta-se para a câmara, gabardina e microfone, anuncia a curiosidade de a criança, *primeiro marinheiro*, se chamar como o primeiro rei daquele *país suicidado* – como o *Paris News* escrevera na sua manchete no dia anterior.

Nenhuma das milhares de pessoas que sobem, mãos nuas, quase sem pertences, para as Crísias, se importa com o repórter, as câmaras, a multidão de seres que formigam à sua volta. Sobem para aquelas carcaças agora feitas casas, os zínco ferrugentos parecendo brilhantes ao contraste entre água e sol, as caixas de fruta empilhada no centro das naus, no cheiro doce e fresco cortado pelo odor salino do mar. Negras bandeiras com um centro dourado, uma esfera, suspendem-se entre o céu e o mar, entre uma identidade de terra e de água.

Começa o mar a levá-las, barcaças básicas de construção babélica. O mar e os últimos homens, que puxam as naus para longe da costa, movimentos de mãos e pernas dos homens e do mar, uma dança de morte, concentrada, condensada, patética e branca na espuma definitiva das ondas.

Helicópteros sobrevoam o ar, criam pequenas zonas de

espuma sobre o tecido de lápide das ondas, dismantelam as paisagens à procura das gentes. Todas as televisões informam de um país abandonado, vendido, caótico; do seu povo nenhum, agora, nómada marítimo, do qual praticamente ninguém ficou na sua terra de milhares de anos.

Das costas do Algarve, do fim da terra do fim, trágicos duplos quinhentistas abrem velhas novas ondas. Fazem do mar a terra. Da ocidental praia, olham para a terra que deixaram. Rostos gastos, secos não ainda do sal que as crestará pela terra do mar afora. E, sem armas, os desbaronados confundem-se no mar; e, desaparecendo-se, progridem.

[historiador]

O último km² de Portugal continental foi vendido a uma empresa estatal asiática. O território da outrora República Portuguesa constitui-se agora por quatro grandes áreas: o Norte, da antiga fronteira setentrional do país até ao Mondego, ocupado pela Espanha; o Centro, do Mondego ao Tejo, propriedade de empresas indianas e brasileiras. O Alentejo, adquirido por uma multinacional asiática. O Algarve, propriedade de um conjunto de empresas com sede na Ilha de Man, no Reino Unido. Os arquipélagos da Madeira e dos Açores declararam a sua independência após o novo momento constituinte.

Estima-se que cerca de 300 mil cidadãos portugueses, isto é, ex-portugueses, se encontrem agora nas chamadas Crísias. Alguns ficaram no extinto país, numa situação de extrema pobreza. A maioria emigrou. Os Governos russo e canadiano ofereceram ao líder dos embarcados, o jornalista Bartolomeu Henriques, vastas áreas desertas do Canadá e

da Sibéria para que fossem por estas habitadas. O convite permanece, até hoje, sem resposta.

Os *desportugueses* a quem só sobrou a terra líquida do mar. Penso em Rousseau, no *Contrato Social: Não resta aos homens outro meio para se conservarem senão formando, por agregação, uma soma de forças que possa arrastá-los sobre a resistência*. Uma soma de restos, em barcos partidos sobre as ondas.

O facto é que estas enormes e numerosas Crísias se mantêm à deriva no Atlântico, praticamente imunes a tempestades. Os ex-portugueses alimentam-se de pesca e dos poucos alimentos embarcados, e detêm um artesanal sistema de electricidade solar, instalado de forma arcaica. A Cruz Vermelha tem-nos visitado, levando água e frutos, e revelando que os nómadas (lusómadas, como já lhes chamaram) se encontram bem.

Desconhece-se para onde se dirigem. Não deixa de ser curioso que os descobridores do mundo se vejam agora pelos mares, sem terra. À deriva.

Despaísados.